

“OESTE”

A medida que se engrandece, pela sua população, pela economia e atividades multiformes, industriais e culturais, o Brasil empolga a mais e mais a atenção dos estudiosos, nacionais e forasteiros, que forcejam por lhe desvendar os segredos da evolução.

Já não se agarram ao litoral, ouvidos atentos aos acordes distantes, que lhes traziam as brisas atlânticas.

Internam-se em rumo oposto, pelo território a dentro, nas pégadas dos bancheirantes, que dilataram com a sua ousadia a faixa definida em Tordesilhas.

Estimulados, porém, por aspirações intelectuais anotam quanto lhes caía sob a vista, ansiosos de transmitir a outrem as suas impressões de viajantes sagazes.

Multiplicam-se destarte os livros destinados a desvendar aspectos da hinterlândia.

Oeste, da coleção “Documentos Brasileiros”, arrola-se garbosamente na bibliografia reveladora da realidade sertaneja, não obstante as restrições que a sua leitura possa despertar, causadas acaso pela própria opulência mental do autor, NÉLSON WERNECK SODRÉ, que parece não ter ainda concentrado em assunto predileto a sua vocação de hábil publicista.

Inteligência viva e brilhante, à procura de aplicação, pelo que lhe denuncia a lista de obras impresas, já apresentou a lume uma *História da Literatura Brasileira*, seguida pelo *Panorama do Segundo Império* e *Orientações do Pensamento Brasileiro*.

São títulos indicativos da dispersão de esforços intelectuais por domínios inteiramente diversos, nesta época de imperativos de especialização.

Não admira que, posto capaz de elaborar obra de tomo e pêso, apressasse a terminação do seu derradeiro volume, a que ajuntou o subtítulo — *ensaio sobre a grande propriedade pastoril* — sem o cuidado de limar-lhe os senões facilmente expurgáveis.

Desde a página de rostó.

Oeste, por que?

O vocábulo, sem dúvida, bem sonante e expressivo, agrada à primeira vista.

Não se ajusta, porém, ao conteúdo de que destoa, ora por excesso, ora por deficiência.

Centro-oeste denomina-se uma das regiões naturais do Brasil, consoante a divisão adotada pelo Conselho Nacional de Geografia, e engloba os Estados de Goiás e Mato Grosso, respectivamente caracterizados pelos termos do binário.

Oeste corresponderá, portanto, a Mato Grosso.

Será, porém, essa a intenção do autor, de abranger, em sua visada, todo o território matogrossense?

Nem sempre. Assim quando diz: à pág. 13

“*Campeador por índole, o paraguaio ia tornar-se um elemento importante no regime pastoril do oeste*”, não se referirá certamente à maior porção do estado, isenta da colaboração do peão paraguaio, que só avultou na zona sulina, mais próxima da fronteira.

Com tal interpretação concorda a descrição geográfica das págs. 14 a 18 e mais a da pág. 22:

“*a região nativa da erva mate se apresenta como uma das mais características do oeste*”.

Ora, o próprio mapa I do autor (pág. 28) situa os ervaais ao sul da E F Noroeste, permitindo a conclusão de servir a via férrea de limite setentrional ao denominado *oeste*.

Adiante, porém, à página 152, a significação do vocábulo amplia-se, para equivaler a Mato Grosso, de acôrdo com o mapa II (pág 149).

“Uma coincidência de limites, verdadeiramente curiosa, deu ao oeste a configuração semelhante à da América do Sul”.

Aquí, *oeste* é sinônimo de Mato Grosso.

Em consequência dessa dupla significação para o mesmo vocábulo, insinua-se incongruências capazes de conduzir a graves erronias o leitor incauto.

Oeste das págs 12-13-14-26-27 e outras enquadra-se melhormente no mapa I, ao passo que o das págs 21-36-60 e semelhantes refere-se, de preferência, ao território representado pelo mapa II, como se um fôsse fiel miniatura do outro.

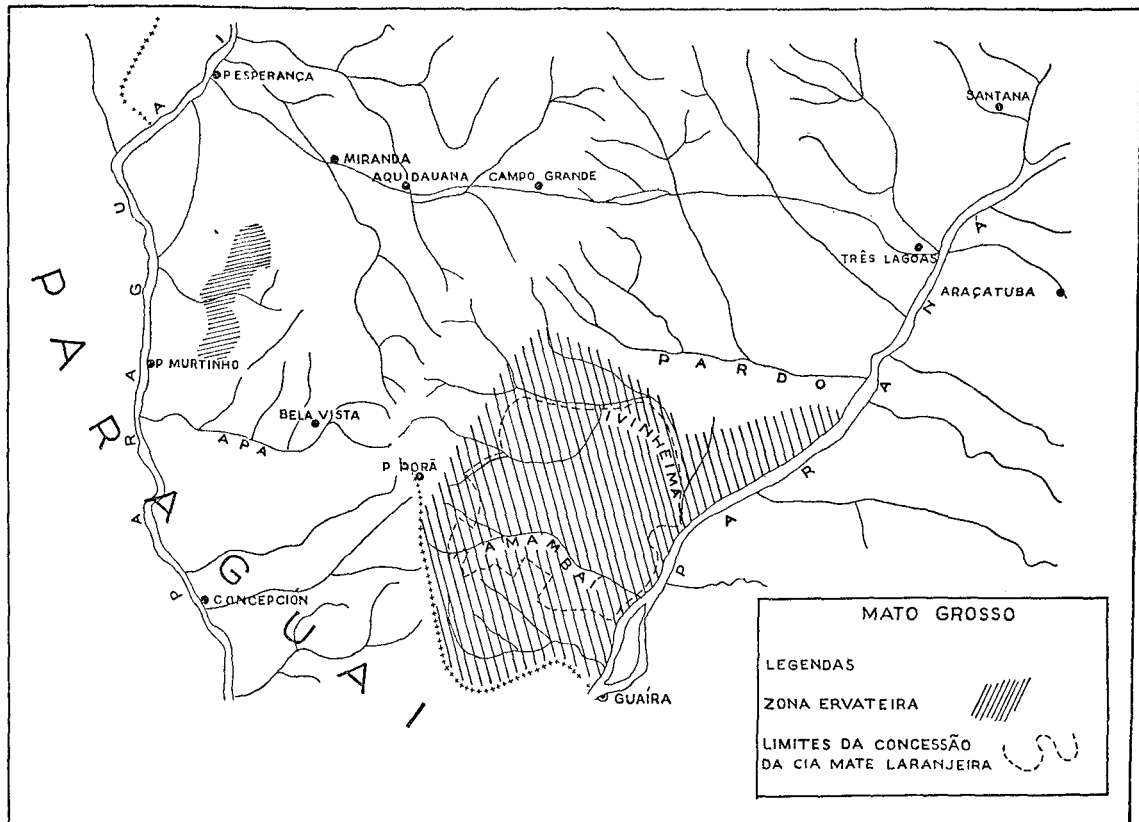
Ora é o todo, ora parte dele, sem transição esclarecedora. E às vêzes avizinhnam-se as duas interpretações, de maneira inesperada, como à pag 39: *“O recuo geográfico operado ante o tremendo impulso das bandeiras foi verdadeiramente prodigioso.*

A conquista do sul somava-se à conquista do oeste”.

E’ o sul de Mato Grosso donde a conquista se expandiu para além, ou é sul do Brasil, sem que se perceba claramente?

Panorama *“Desconhecido e complexo, quer na sua geografia, quer na sua história, quer na sua organização social, o oeste brasileiro permanece uma incógnita”*, assim abre o livro, sem dúvida exagerando a ignorância litorânea em relação a Mato Grosso (Mapa II).

Complexo, sem dúvida, pela imensidão territorial que abrange, das águas platinas às amazônicas.



Mapa n° I

Mas, desconhecido? A bibliografia citada pelo autor evidencia que recorre aos livros de cultura geral, aliás dos mais insignes mestres, com minguada regional, que lhe seria de apreciável utilidade.

Não apontou as monografias do Visconde de Taunay, de seu filho, A DE TAUNAY, sagaz historiador das *Bandeiras*, os relatórios da Comissão Rondon, indispensáveis ao conhecimento da parte norte ocidental do Estado, de ARRO-JADO LISBOA, de GLYCON DE PAIVA, MILWARD, ERICHSEN, e outros, que estudaram a região sulina e oriental, de LEVERGER, historiador e geógrafo, assim como RICARDO FRANCO e LUIZ D'ALINCOURT, de fase anterior, as memórias históricas de BARBOSA DE SÁ, NOGUEIRA COELHO, J COSTA SIQUEIRA, as contribuições dos naturalistas H SMITH, C VON DEN STEINEN, LINDMANN, M SCHMIDT, EHRENREICH, EVANS, os ensaios de JOSE' DE MESQUITA e seus companheiros do Instituto Histórico de Mato Grosso.

A bibliografia apresentada explica, pela sua penúria, o descabido julgamento, a que falta a necessária segurança, uma vez que se trata de obra recomendável pelos seus intuítos e pelo prestígio intelectual do autor.

A síntese histórica da pág. 11 ocultou o esforço lusitano, em prol da defesa da capitania e terminou por atribuir à "ascendência acelerada da produção cafeeira" impulso gerador da construção da E. F Noroeste do Brasil. Seria mais razoável defini-la como velha aspiração matogrossense, à última hora apressada pela intervenção de Rio Branco, impellido por injunções políticas.

A explicação das atividades pastoris no oeste, (do mapa I ou do mapa II?) para atender à necessidade de alimentação dos que labutavam na lavoura cafeeira, mostra-se insuficiente no conferir a primazia às três componentes étnicas do regime pastoril do oeste: "o mineiro, o gaúcho, e o paraguaio". Há exagero nesta apreciação, que despreza a componente cuiabana, mais antiga e fundadora da pecuária matogrossense, desde Rosário Oeste até Miranda.

Ao referir-se às alagações do pantanal, intercala período indecifrável: "*O Paraná completa essa obra prodigiosa, detendo, na confluência, a corrente do outro formador do Prata*" Ainda é Oeste?

E alternando sociologia com geografia, conclue; "*As próprias cidades, os lugares, os arraiais, surgiram dessa marcha contínua e ampla*" (dos criadores).

Grandes fazendas tornaram-se vilarejos. Aqui e ali, em torno dos bolichos, agruparam-se as casas. Um comércio rudimentar passou a viver dos produtos de gado".

O fenômeno ocorrerá, sem dúvida, mas recente e destituído da generalidade que lhe atribue o autor.

Das 28 cidades matogrossenses, pelo menos oito resultariam da mineração antiga e moderna, (Cuiabá, Poconé, Rosário Oeste, Diamantino, Livramento, Alto Araguaia, Lajeado, Poxoreu), três provieram de redutos militares (Cáceres, Corumbá, Miranda), nove de atos governativos ou de iniciativa particular (Mato Grosso, Santo Antônio, Herculânea, Paranaíba, Alto Araguaia, Araguaiana, Aquidauana, Guajará Mirim, Alto Madeira).

A indústria ervateira formou dois (Pôrto Murtinho e Ponta Porã), além de estimular o engrandecimento de Campo Grande.

Nioaque, sede efêmera de distrito militar, Bela Vista, à margem do Apa, em frente à cidade paraguaia de igual nome, Entre Rios, entre dois portos terminais de navegação, teriam outros fatores estimulantes do seu surto.

Só resta Maracajú, e com alguma tolerância Dourados, que se nimba de glória conquistada por ANRÔNIO JOÃO na colônia militar homônima.

Maior desproporção romperia de uma análise das vilas, e das origens respectivas.

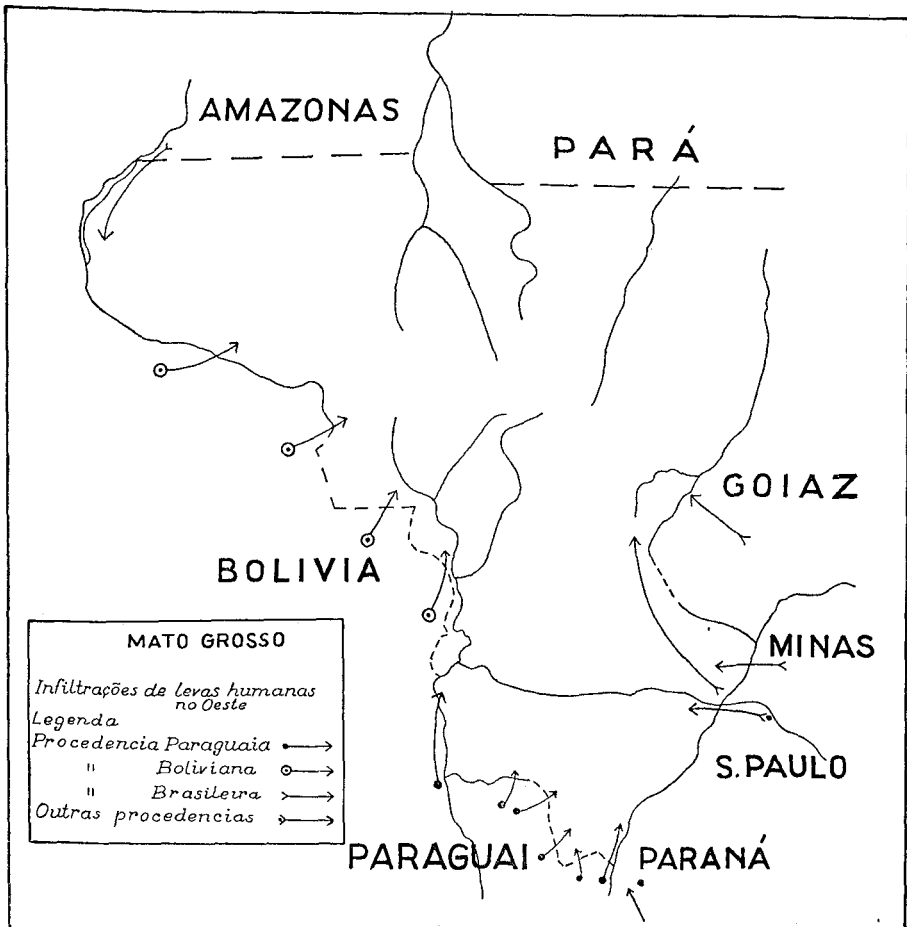
Urge, porém, a passagem ao capítulo seguinte.

Aspectos gerais Ao lembrar a viagem de RODRIGO CÉSAR, alongada por 4 meses, em 1726, de São Paulo a Cuiabá, a página 21 exhibe o período abaixo:

“Através dessas distâncias, em cujo percurso os dias decorrem monótonos pela uniformidade dos panoramas, só se encontram pastagens infinitas, grandes rebanhos e poucos boiadeiros”.

De ponta a ponta, a distância esmaava-se em mais de 500 léguas, assim distribuídas:

São Paulo a Ararituaba	23 ½ léguas
Tietê	152 ”
Paraná	29 ”
Rio Pardo	73 ”
Varadouro	2 ”
Camapuã — Coxim	57 ”
Taquarí	90 ”
Paraguai	39 ”
Do Paraguai a Cuiabá	89 ”
	554 ½ ”



MARY LUZ

Mapa n.º II

Asseverar que nesse extenso percurso predomina a “uniformidade dos panoramas” é generalizar demasiado a característica observada porventura em algum dos segmentos enumerados.

A mata do Tietê, rasgada pela faixa líquida, nada teria de monótona, menos ainda o próprio rio, erizado de corredeiras e saltos. Ao longo do Paraná, depararam-se outros aspectos, em que domina a imponência fluvial orlada de vegetação, que se afigura deprimida, à distância.

Pelo rio Pardo, estreita-se o caixão em cujas margens, por vêzes, vem terminar o cerrado, mais ou menos ralo, atapetado de gramíneas.

O varadouro de Camapuã, de 6 230 braças, no dorso do divisor de águas Paraná-Paraguai, nenhuma semelhança teria quanto à paisagem com a floresta do Tietê, nem com os pantanais do Paraguai, dilatados de Coxim a Cuiabá.

E tão diversamente o planalto se deparava aos curiosos viajantes, que o mais douto deles, o astrônomo LACERDA E ALMEIDA, ao alcançar Camapuã, em 1788, registraria em seu "*Diário*": "O ar é temperado e puro, tão alegre e ameno aquele terreno todo, que depois que sai de Portugal, não vi, nem nas capitânias do Pará e Rio Negro, nem na de Mato Grosso, cousa que se possa comparar".

Em que trecho, pois, seria observada a "uniformidade do panorama?" A pág. 22 ensina:

alastrando-se pelos chapadões centrais, vindo do norte, das caatingas bravias, vindo do sul, das coxilhas monótonas, o gado encontrou um habitat propício nesses altiplanos sempre semelhantes em que as pastagens naturais ofereciam um meio acolhedor à manutenção dos grandes rebanhos

Êles se desenvolvem, logo, na sua voracidade das distâncias, para a região dos tributários do Paraná ou para a zona do centro, entre Cuiabá, os acidentes que marcam o vale do Araguaia e a caixa instável do alto Paraguai

Pelo excerto, o gado primeiramente se aclimou no planalto e depois se expandiu até a baixada do Paraguai e vale araguaiano.

A realidade histórica, fácil de documentação, contraria tal afirmativa.

A pecuária teve princípio no distrito de Cuiabá, onde o primeiro Capitão General de Mato Grosso, D. ANTÔNIO ROLIN DE MOURA testemunhou que sobejava para o consumo a criação bovina, (carta de 5 de Julho de 1761).

Daí se espraiou pelos pantanais, alcançou a região de Miranda, antes da entrada dos mineiros em Paranaíba. As fazendas em terras banhadas pelo Araguaia e seus afluentes são de época ulterior.

A prioridade na pecuária comprovou-se pelo aparecimento de uma variedade bovina *cuiabana* ou *pantaneira*, que mereceu estudos especiais do professor VON IHERING.

A explicação do pastoreio (à pág. 24) e das conseqüências sociais, a que dá causa, verdadeira, como doutrina, para aplicação em algum caso, não se enquadra à maior porção de Mato Grosso.

"Essa emancipação à influência da terra, êsse divórcio quase absoluto entre o meio e o homem, essa transmigração eterna..."

São expressões, embora atraentes, a que falta a generalidade, para se transformarem em características de populações do oeste (Mapa II).

Divorciados dela (sociedade), permanecem os bárbaros, os inconformados, infensos à autoridade, eternos fugitivos, inquietos erradios.

Infratores do código penal sempre houve e haverá em toda a parte, até nas cidades supercivilizadas como Nova Iorque, onde operam "gangsters".

Em Mato Grosso, não é mais freqüente do que alhures o fenômeno, que se torna discutido quando surge bandoleiro do feitio do SILVINO JÁQUES, que parece ter inspirado os comentários do autor.

As atenções voltam-se tôdas para o caso de exceção, que por isso mesmo impressiona as imaginações.

Tal quadro tem todos esses aspectos, bem fortes e bem frisantes e bem vivos, no oeste, entregue ao desequilíbrio e ao primitivismo social conseqüente do predomínio único, absoluto, extenso, absorvente do regime pastoril.

Ao frasear elegante falta a consistência da concordância com os fatos.

Não quer isto dizer que seja falsa a afirmativa do autor, inteligente demais para resvalar em tal cincada. Mas a sua observação, em área reduzida, ampliou-se desmedidamente, perdendo assim a precisão, uma vez que não corrigiu pessoalmente as divergências inevitáveis em tamanha extensão.

Mais viva e fiel é a parte referente à indústria ervateira, que o autor historia e descreve admiravelmente. Transmite aos leitores a impressão exata do trabalho que se desenvolve entre o Ivinheima e a fronteira meridional, evidenciando assim que perlustrou a região.

Se limitasse as suas conclusões apenas ao que viu pessoalmente, o livro ganharia sobremaneira em acerto de conclusões e colorido.

A grande conquista O quadro começa bem traçado, posto caibam pareceres diversos acerca da luta de bandeirantes com jesuítas.

Quanto ao que diz respeito ao devassamento do oeste, não houve praticamente separação de campo de operações entre Palaguás e Guaicurús, que ajustaram verdadeira aliança militar contra os bandeirantes.

Também não está provado que PASCOAL MOREIRA CABRAL "*abandonara depois a rota fluvial (Coxipó), para internar-se, em busca de ouro e pedras preciosas*".

São unânimes os cronistas para atribuir a mero acaso a descoberta das primeiras pepitas, que transformaram a bandeira preadora de índios em comitiva de mineração.

Os Aripoconés vinham seguindo o rastro dos paulistas e não esperaram mais. Travou-se o combate.

Na luta PASCOAL MOREIRA tomou a ofensiva, rasteando os índios até a sua *paliçada*, em que se defenderam bravamente. Os fatos passaram-se, pois, ao inverso de que assevera o trecho transcrito.

"*Cuiabá era cidade, oficialmente, desde o primeiro dia desse mesmo ano (1727)*".

Cidade, não. Apenas vila, que, decorrido quase um século, conseguia as honras de cidade, em virtude da carta régia de 17 de setembro de 1818.

O abandono da via fluvial tietêana, que o autor explica pelo declínio da mineração, derivará também de outras causas.

Entre várias extrema-se a fundação da capital em Vila Bela, intencionalmente para atrair à periferia a população de Mato Grosso, à qual foi proporcionada a utilização da linha Guaporé-Madeira, além do caminho terrestre, através de Goiaz, por onde eram menores os prejuízos decorrentes de assaltos de índios, doenças e acidentes da navegação.

A conquista pastoril "*Pode-se marcar pelos fins do III século as primetas penetrações do gado em terras do oeste*".

Se à expressão "pelos fins do III século" corresponde o último quartel do século XVIII, dificilmente se harmonizará com a cronologia decorrente de documentos conhecidos.

Assim, em 1730 já CABRAL CARMELO citava as primeiras crias cuiabanas, de novilhas importadas recentemente, cujo número tanto avultou que o próprio governador ROLIM DE MOURA se baseou em tão fecunda multiplicação para contrariar os planos expansionistas do padre SIMÃO DE TOLEDO.

De modo análogo, não procede a asserção da pág. 59:

"Vadeando o primeiro dos formadores do Paraná (o Paranaíba), os rebanhos penetraram, em fins do III século, as terras do oeste".

Comentários anteriores mostram que se o III século é o XVIII, nem a cronologia está certa nem a via percorrida pelas primeiras vaquejadas

"O grande lance se processaria, inicialmente em busca dos campos da Vacaria". (59)

"Alí surgiram as primeiras fazendas, os primeiros pousos ou focos iniciais da expansão".

Não obstante classificados entre os melhores de Mato Grosso, aos "Campos da Vacaria" não coube o mencionado papel histórico

Na era colonial, montavam-lhes guarda os temíveis Guaicurús, associados aos Paiguás.

Durante a Regência, pronunciou-se o avanço para as encantadoras paragens sulinas, ainda em marcha ronceira e prudente, pois que não tinham de todo cessado as hostilidades indígenas

Só depois da guerra, intensificou-se a expansão, completada modernamente com a valorização dos terrenos, por influência da construção da E F Noroeste do Brasil.

Igualmente se afigura frágil a suposição inspiradora de períodos equivalentes ao abaixo:

Concomitantemente, deviam os rebanhos, do foco do Coxim ou através da entrada natural que fôra aberta pelos bandeirantes entre as terras de Goiaz e Mato Grosso, renovar o impeto da expansão, estendendo-se, em rumo norte e noroeste, indo desdobrar-se por tôda a região de centro sul, atingindo as fronteiras bolivianas do rio Guaporé (pg 60)

A história da pecuária matogrossense não ampara semelhante hipótese, que destoa inteiramente da realidade

Coxim não era ainda conhecido, além do rio homônimo, pelo qual sulcavam as canoas bandeirantes, quando se aclimou no distrito cuiabano o primeiro plantel bovino.

Acrescido por novos elementos, cresceu o rebanho, que se foi espalhando por todos os quadrantes Coxim não existia, como núcleo de povoadores, quando, nas extremas ocidentais, LUIZ DE ALBUQUERQUE fundou Casalvasco, no mesmo local da fazenda pastoril de CUSTÓDIO JOSÉ DA SILVA.

Ao explicar a entrada do elemento sul riograndense em Mato Grosso, afirma o autor

"Marcha possibilitada pela diminuição das invernadas gaúchas e pela facilidade na aquisição de terras que o oeste proporcionava aos criadores, sempre necessitados de extensas regiões"

O êxodo, que levou aos municípios sulinos de Mato Grosso avultado número de "maragatos", nada tem que ver com teorias acêrca de latifúndios

Foram derrotados na Revolução de 1893, e para evitarem os excessos de perseguição partidária, resolveram deixar ao menos temporariamente os seus pagos. Muitos, sem outros recursos, além da saúde e boa disposição para o trabalho

Atravessaram a república vizinha e encontraram em Mato Grosso tudo quanto lhes amenizasse o exílio dentro da pátria

Clima análogo, embora menos rigoroso.

Campos admiravelmente criadores. E até o relêvo, não assaz diverso do que lhes alegrava as cochilhas natais

Reconstruíram o seu lar, as suas indústrias e a pouco e pouco foram organizando os seus rebanhos.

Os ricaços pretendentes à compra de enormes áreas surgiriam mais tarde.

Arrebatado pela relevância da pecuária, em que se escora a explanação da tese escolhida, assevera o autor:

"Tudo o que o oeste ainda hoje é, quase que se deve ao regime pastoril" (pág. 67).

O *quase* intercalou-se a tempo de evitar exagêro flagrante, pois que deixaria esquecido o surto da mineração, gerador de várias cidades, a indústria canaveira, que se expandiu pelo rio Cuiabá, a ponto de exercer inequívoca influência política no Estado, a exploração da seringueira, que teve a sua época de esplendor, a produção ervateira, aliás bem definida em outros capítulos, como também a da poaia, de renome conquistado nos mercados estrangeiros

Entretanto, se o conceito se refere apenas ao oeste do Mapa I, não será tão chocante o exagêro, servindo o *quase* para justificar o esquecimento da contribuição dos ervateiros. A síntese histórica do desbravamento dos rincões sulinos realizado pelos sertanistas do Triângulo Mineiro evoca-lhes o esforço empreendedor que seria mais eficaz, se a guerra não perturbasse a expansão

Pobreza O raciocínio desenvolvido neste capítulo é mais doutrinário do que decorrente de observações em Mato Grosso, não obstante os exemplos citados.

“Nisso estava uma das características fundamentais da cultura pastoril: do absoluto desvalor do solo, a desestima pela terra” (pág. 85).

Entretanto, qualquer estatística elaborada com esmêro apontaria centenas de fazendas em Mato Grosso, que permaneceram por prazo longo sob o domínio do proprietário primitivo e seus sucessores, prova de poder agarrativo da terra

Aliás, o sacrifício do Guia da retirada da Laguna, referido à pág. 100, infirma o excerto, pois que não foi “o egoísmo que compeliu LOPES a empreender a obra ingente de cortar o caminho, direção ao Jardim.

Foi *querência* Morreu ao atingir as suas terras”.

Se assim acontecia com um dos mais genuínos representantes da corrente povoadora de origem mineira, seria inexplicável que aos seus condutícios faltasse tão assinalado sentimento de apêgo ao chão ocupado.

Quanto às posses vendidas por tutemeia, indício era de que não tinham dono, e quem se dizia tal nada mais seria que solerte intruso, por ventura acampado no local, para melhormente desenvolver atividades venatórias

Qualquer quantia bastava para lhe pagar os supositícios direitos de efêmera ocupação

“E” por isso que nada deixam de si (as levas povoadoras) Não há marcos que assinalem a grandeza dessa conquista”. (pág. 88).

A afirmativa contradita as conclusões do capítulo primeiro, em que as fazendas avultam como núcleos geradores de cidades.

Adiante firma preceitos doutrinários, que nem sempre se ajustam ao caso matogrossense.

O antagonismo entre “o núcleo urbano, de um lado, e o campo do outro”, afigura-se mais reminiscência de leituras platinas, em que sobressai o *Facundo* de SARMIENTO, do que reflexos da realidade.

A expansão humana Apresenta-se bem descrito o movimento de imigração, especialmente paraguaia, através da fronteira, que o autor revela conhecer cabalmente.

Quando, porém, sai dessa faixa, para interpretar fenômenos afastados, mingua-lhe a segurança dos conceitos.

“A poaia fica quase em dependência do movimento proporcionado pelos seringueiros”. (pg. 106).

Não houve tal subordinação. A exploração da poaia começou muito antes que fôssem conhecidas as primeiras héveas em Mato Grosso.

E quando a indústria da borracha atingia o apogeu, por volta de 1910, para logo depois se abismar em derrocada angustiosa, a outra continuava em sua trajetória oscilante, entre altos e baixos, antes, durante e depois do esplendor da sua passageira concurrente.

Apesar das restrições que desperta, porém, é perfeitamente aceitável o que diz respeito às atividades dos seringueiros, como também à garimpagem, no vale araguaiano, depois que sossobrou a borracha.

A página 118 assenta, sem receio, como base de deduções doutrinárias;

"Não houve, e não há, no oeste, a luta entre o homem e a terra". (pág. 118).

A história contesta semelhante síntese.

No primeiro século, para alcançar Cuiabá, núcleo inicial de povoamento, os bandeirantes arrostavam os perigos de navegação pelos rios encachoeirados, de feras, e animais peçonhentos, e por fim, das hostilidades implacáveis dos Caiapós, dos Guaicurús, dos Paiaguás, a cujos golpes pereceram milhares de viajantes

Nas lavras, não se apresentava mais suave a luta, antes que se processasse a aclimação. No distrito de Vila Bela, apesar dos ouropéis de que se revestiu, como Capital, não eram menores as provações causadas pelas pestilências de toda a laia.

Diamantino prosperou, ligado a Belém, por linha de navegação, ao longo de Arinos, cujas corredeiras assinalam a sepultura de várias comitivas.

A exploração dos seringais em pouco diferiria do regime vigorante na Amazônia, que lembrou a um dos seus mais insígnis observadores o chamar-lhe de "Inverno Verde".

A poaia, colhida em matas sombrias, povoadas de lendas aterrorizantes, como a do "Pé da Garrafa", explicativas dos sumiços de dezenas de poaieiros, não se entregava a quem não desenvolvesse energia incomum.

A própria navegação pelos rios plácidos, antes da generalização de motores de vapor, impunha aos embarcadiços exercícios violentos a que só os fortes de constituição resistiam.

E a adaptação do homem aos pantanais encontrará maiores facilidades?

Só quem a experimentou, não de passagem turística, mas por longo prazo, poderá avaliar-lhe os percalços.

Em Mato Grosso, (seja oeste parcial, do mapa I, seja total, do mapa II) aos pioneiros não se deparou nenhum paraíso terreal.

Tiveram que formá-lo com a sua coragem perseverante, suplantando todos os obstáculos que lhes contrariassem a marcha.

Não será dramática a luta, como alhures, mas nem por isso exigirá menores esforços e heroísmo sereno.

Ao recorrer a lição de KREBES, frisou o autor, *"Foi justamente o que aconteceu no oeste. As terras são, realmente, pobres se quiser apreciá-las segundo o ponto de vista agrícola"*.

Não há exame de solo no Estado, que justifique semelhante sentença. Entretanto, conhecem-se fatos que a negam, embora ninguém possa, por isso, concluir que em Mato Grosso "as terras não são pobres", pois que a sua imensidão territorial comporta variados tipos, do mais atraente à agricultura ao menos apropriado.

Leia-se o ensaio de MORAIS BARROS sobre o sul de Mato Grosso, em que se lhe deflagra o entusiasmo de lavrador maravilhado pelos terrenos calcáreos que palmilhou, as colheitas magníficas dos pomares de Miranda, de merecida fama, das plantações do Urucum, e sobretudo, dos canaviais cuiabanos, que dispensam replantio por mais de vinte anos e verificar-se-á que a escassez demográfica, apesar de incapaz de expansão por maior área, já se assenhoreou de enormes manchas fertilíssimas, suficientes para a contestação da página 121.

Assim também, a tendência à generalização a todo o transe inspirou a declaração:

"Interessante notar que quase todos esses núcleos urbanos se constituíram à beira dos rios, A teia caprichosa dessas correntes é que serviu para as ligações imprecindíveis". (124) A água corrente, em verdade, atrai ribeirinhos.

E' fato de conhecimento universal, que não caracteriza, porém, o povoamento de Mato Grosso

Ao contrário, as suas cidades, desde algumas oriundas da era colonial, (Livramento e Poconé), como as de mais recente formação, devido a vários fatos, (Campo Grande, Ponta Porã, Três Lagoas, entre outras), oferecem vários exemplos em contrário

A desagregação dos latifúndios, citada à pág. 128, como sujeita a "processo moroso e primitivo", caminha, ao revés, com apreciável aceleração, decorrente da valorização das terras.

Observe-se, a propósito, o parcelamento das propriedades territoriais em Nhecolândia, em que se desmembrou a enorme fazenda primitiva, e em Campo Grande, onde já são raras as áreas colossais doutrora, pertencentes a um só dono

Aliás, a evolução do latifúndio em Mato Grosso, com a explicação de suas origens, é assunto que transborda destes simples comentários, para solicitar análise mais profunda e pontual, em outra oportunidade.

Aspectos geográficos Devia ser neste capítulo mais rigorosa a linguagem, que, entretanto, continua falha na conceituação.

Assim a descrição que toma boa parte da pg. 138:

"Encostas escarpadas, bruscas, mal trabalhadas, recentes, as da serra da Bodoquena apresentam-se, pronunciadas, com estreitos caminhos obrigatórios, protegendo paralelamente, o desenvolvimento da serra mestra do Amambai, da qual divergindo, tanto quanto aproximam-se da via férrea, uma deixando Miranda à esquerda, outra oferecendo-lhe a vertente direita, o lado interior e apresentando às terras aluvionais do Paraguai a sua abertura considerável, obstáculo marcante e nítido, ponto em que se perdem as águas mais avançadas das maiores enchentes, refúgio dos rebanhos tocados pela fúria do rio, quando se espalha pela planície extensa dominando-a sem contraste, desde os ligeiros movimentos de terreno, imediatamente ao norte do baixo Apa, até o grande pantanal de Taquari, invadindo a via férrea, em uma profundidade cujo lance maior fica limitado a estação de Salobra".

O próprio escritor, que aceleradamente, sem tomar fôlego, alongou este período, com prejuízo da clareza, já no seguinte cuidou de atender-lhe aos preceitos, ao dizer incisivamente:

"A Bodoquena é uma sentinela avançada que marca os seus afloramentos singulares, as suas esculcas, emergindo do domínio das águas, ao longe do vale do Paraguai"...

Adiante, o exame dos rios inspira-lhe o confronto dos tributários do Paraná, de "correntes suaves, macias, antigas", com as contravertentes, que vão ter ao Paraguai, e "descem de muralhas quase verticais, para se espalhar numa baixada em que se confundem, fogem aos seus leitos, perdem as caixas, rios sem foz certa, sem escoadouros precisos, rasos, difíceis, contraditórios, inhospitais, não servindo para escoamento de cousa alguma, nem mesmo à navegação rudimentar dos barcos chatos".

A opulência de adjetivação mal encobre o desacerto da sentença condenatória, contra a qual protesta a história do povoamento do sul de Mato Grosso.

Antes da construção da E. F. Noroeste do Brasil, que dominou a concorrência de outras vias de comunicação, eram os tributários ocidentais do Paraguai que favoreciam o desenvolvimento não só do vale do Miranda, do Aquidauana, em que floresciam vilas homônimas, como até ainda estendiam o seu influxo até boa faixa da região serrana

Opostamente, dos afluentes do Paraná, só o rio Pardo, não obstante erçado de cachoeiras, foi roteado pelos viajantes da era colonial.

A utilização dos demais para navios é recente, pois que só por volta de 1900 começou a Empresa Mate Laranjeira a canalizar para Guairá os seus produtos de exportação, ao passo que as embarcações de outros proprietários ainda esperaram que a E. F. Sorocabana se aproximasse da beira do rio, pelo qual pretendiam manobrar as suas flotilhas.

Ao arrolar, na pg 144, as vias naturais de "penetração humana", o autor esqueceu-se de mencionar a do Arinos, cuja influência, no desenvolvimento mercantil de Diamantino, se manteve por meio século, e do Araguaia, mais recente, combinado com os caminhos terrestres por Santa Rita e Registo, hoje, Alto Araguaia e Araguaiana

"Tais vias de acesso, naturais em sua maioria, determinariam as zonas de condensação humana, ligadas à forma de produção e de trabalho (pg 145);

— pastoril, no sul e no centro sul

— ervateira, no sul — etc"

Certo, os ensinamentos de E DEMOLINS em *Comment la route crée le type sociale*, não serão desprezíveis, mas se foram as vias de acesso que determinaram as "zonas de condensação humana", como se explicará a existência de Cuiabá e a decadência de Vila Bela, ambas à margem de rios navegáveis?

E o florescimento de Lajeado e Poxoreu, cuja ligação com a Capital só mais tarde se franqueou, por efeito do povoamento, e não como sua causa?

De Campo Grande, que se manteve estacionária, até que a via férrea, mais tarde, lhe estimulasse o desenvolvimento? E de numerosos outros casos informativos do conceito citado?

O capítulo intitulado *Regime Municipal*, quando transpõe os domínios das considerações gerais, aplicáveis a todo o território nacional, para versar exclusivamente o que diz respeito a Mato Grosso, incide em análogas restrições, como igualmente sucede com o imediato — *Fator Humano* — em que não há uma só página que não despertaria objeções, caso não alongassem demasiado estes comentários:

Em compensação, à seguinte — *Conclusões* — não faltam motivos de louvores.

Contém fiel síntese da evolução das repúblicas vizinhas, especialmente da Argentina, onde a "luta pela emancipação é o conflito com o regime pastoril" Aí se patenteia a fonte inspiradora dos confrontos rompentes de páginas anteriores que reclamam cuidadosa revisão, para se amoldarem à realidade mato-grossense, como aliás ocorre, de maneira geral, em outros capítulos.

A antevisão do surto, em que florecerá o oeste (Mato Grosso), quando lhe fecundarem o território as ferrovias pioneiras, além da E. F. Noroeste do Brasil, evidencia, pela firmeza das apreciações, quanto poderia o autor aprimorar o seu ensaio, caso quisesse aplicar-lhe com maior esmero a agudeza da sua inteligência esclarecida, capaz de previsões certas, como demonstra o capítulo final, cujo frasear elegante e incisivo se harmoniza às maravilhas com a justeza da conceituação